



01 DE DEZEMBRO DE 2016

Quinta-feira

- PERKINS É A MELHOR EMPRESA DE MÉDIO PORTE PARA TRABALHAR NO PARANÁ
- AS 35 MELHORES PARA TRABALHAR
- Caderno Situação da Economia e Perspectivas Novembro/2016
- PIB DO PARANÁ CAI ACIMA DA MÉDIA NACIONAL NO TERCEIRO TRIMESTRE
- GOVERNO QUER AGIR PARA MELHORAR AMBIENTE DE NEGÓCIOS
- FIRJAN CONSEGUE LIMINAR NA JUSTIÇA CONTRA LEI QUE REDUZ INCENTIVOS FISCAIS
- RETOMADA DA ECONOMIA FICA PARA 2017; ANALISTAS DIVERGEM SOBRE TRIMESTRE
- TESOURO DIRETO ATRELADO À INFLAÇÃO DEVE LEVAR VANTAGEM
- DECRETO DETALHA AUMENTO DO EMPENHO DO EXECUTIVO EM R\$ 16,2 BILHÕES
- COPOM DECIDE CORTAR SELIC DE 14,00% PARA 13,75% AO ANO
- 'LEITURA NÃO É QUE RECESSÃO ESTÁ ACELERANDO, MAS SIM ARREFECENDO', DIZ KANCZUK
- BRASIL DEVE TER MAIS DIFICULDADE PARA SUPERAR A RECESSÃO, DIZ UBS
- PRINCIPAL RAZÃO PARA QUEDA DO PIB FOI ALTO ENDIVIDAMENTO DE EMPRESAS, DIZ FAZENDA
- BC REDUZ TAXA BÁSICA DE JUROS PARA 13,75% AO ANO
- BRASIL AMARGA LANTERNA EM RANKING DO PIB COM 39 PAÍSES
- A IDEIA É BOA, MAS VOCÊ SABE DEFENDÊ-LA?
- PELO 3º ANO SEGUIDO, INDÚSTRIA QUÍMICA DEVE MOSTRAR QUEDA DO DÉFICIT COMERCIAL
- PRINCIPAL RAZÃO PARA QUEDA DO PIB FOI ALTO ENDIVIDAMENTO DE EMPRESAS, DIZ FAZENDA
- ANEEL: CADUCIDADE DE LOTES DA ABENGOA DEVERÁ SER TRATADA AINDA EM 2016
- FATURAMENTO DA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS CAI 14,8% EM OUTUBRO, DIZ ABIMAQ
- FUNDOS GANHAM DA POUPANÇA NA MAIORIA DOS CASOS COM SELIC A 13,75%

- 13º SALÁRIO INJETA R\$ 6,8 BILHÕES NA ECONOMIA DAS PRINCIPAIS CIDADE DO PARANÁ
- INVESTIMENTOS E INDÚSTRIA VIVEM 'VOO DE GALINHA' NO BRASIL
- CHINA CONCLUI FUSÃO QUE CRIARÁ MAIOR SIDERÚRGICA DO PAÍS
- CHINA APLICA NOVA TAXA DE 10% PARA COMPRA DE CARROS DE LUXO
- FALTA POUCO PARA A ATUAL RECESSÃO SE TORNAR A PIOR DA HISTÓRIA
- FORD TERÁ SISTEMA QUE DESATIVA CILINDRO NO MOTOR EcoBOOST 1.0
- AUDI MUDA NOME DA DIVISÃO QUATTRO PARA AUDI SPORT
- FOTON COMUNICA A SAÍDA DE ALCIDES CAVALCANTI
- ÍMÃS DE ALTO DESEMPENHO SÃO FABRICADOS POR IMPRESSÃO 3D
- SAAB E EMBRAER INAUGURAM O CENTRO DE PROJETOS E DESENVOLVIMENTO DO GRIPEN NO BRASIL

CÂMBIO EM 01/12/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,460	3,461
Euro	3,664	3,666

Fonte: BACEN

Perkins é a melhor empresa de médio porte para trabalhar no Paraná

01/12/2016 – Gazeta do Povo

Empresa com sede em Curitiba investiu no desenvolvimento das diferenças e na criatividade dos colaboradores neste ano



Perkins oferece planos de desenvolvimentos individuais e de sucessão para os colaboradores. Ivonaldo Alexandre/Gazeta do Povo

Na Perkins, a comunicação clara e próxima dos colaboradores garantiu bons resultados neste ano. A fabricante de motores, com sede em Curitiba, conquistou o primeiro lugar entre as médias empresas no ranking do Great Place to Work. Além disso, a empresa alcançou a marca de 11 anos sem acidentes com afastamento e conseguiu manter o quadro de funcionários estável apesar dos desafios vividos na economia.

Em 2016, a empresa intensificou reuniões de funcionários para incentivar todos a atuarem como parceiros de negócio. Como resultado, colheu boas ideias e aperfeiçoou os feedbacks. Essa aproximação garantiu bons indicadores e conquistas para o grupo como a certificação ISO 14 000, com foco em sustentabilidade.

A gerente de RH da empresa, Elisabeth Hass, afirma que a empresa tem investido em desenvolver as diferenças e a criatividade. "Queremos diversidade de ideias e de pessoas em todos os níveis. Se tivermos mais diversidade, teremos mais criatividade, inovação e o negócio será mais bem-sucedido", afirma.

Nessa linha, os líderes da empresa participaram de um seminário sobre inovação e inclusão para trabalhar formas de incluir mais e melhor as minorias e aceitar ideias diferentes. Com o projeto, os gestores perceberam que, mesmo com padrões alinhados, as diferenças culturais influenciam muito a tomada de decisões dentro da empresa. "Agora, como líder, eu tenho mais preparo para trazer resultados e prever desafios. É mais chance de dar certo", avalia o gerente de uma das plantas, Rodrigo Chibior.

A Perkins oferece planos de desenvolvimentos individuais e de sucessão para os colaboradores. Na universidade virtual, os funcionários podem se especializar na sua área e aprender inglês – fator importante para quem quiser crescer na empresa, que é norte-americana.



Faturamento	309 milhões	Presidente	Wilson Donizetti Carplini Lotério
Ramo de atuação	Indústria de motores	Tempo de empresa	32 anos
Ano de fundação	2003	Tempo no cargo	6 anos



FUNCIONÁRIOS

Número de empregados	118
Homens	98
Mulheres	20
Cargos de chefia	14
Homens chefes	13
Mulheres Chefes	1

FAIXA ETÁRIA

Abaixo de 25 anos	14
Entre 26 e 34 anos	41
Entre 35 e 44 anos	33
Acima de 45 anos	30

ESCOLARIDADE

E ensino médio ou menos	70
Superior incompleto	13
Superior completo	28
Pós graduação	9



BENEFÍCIOS

Bolsa de estudos	✓
Línguas	✓
Graduação ou pós	✓
Ensino técnico	✓
Programa de desenvolvimento	✓
Mentoring	✓
Coaching	✓
Universidade interna	✓
Outro	✗
Práticas esportivas	✓
Academia dentro da empresa	✗
Academia fora	✗
Atividades coletivas	✓
Plano de previdência	✓
Menos que o salário	
Horário flexível	✓
Quem tem	30%

As 35 Melhores para Trabalhar

01/12/2016 – Gazeta do Povo

As 35 Melhores
para Trabalhar Paraná 2016

GAZETA DO POVO

GREAT
PLACE
TO
WORK

As empresas enfrentam o desafio constante de conquistar e fidelizar clientes, obter sustentabilidade nos resultados e lidar com as expectativas dos seus colaboradores.

Tudo isso aliado um momento macroeconômico incerto. A 7ª edição do estudo “As 35 Melhores Empresas para Trabalhar – Paraná 2016”, do Great Place to Work em parceria com a Gazeta do Povo, mostra que as organizações que conseguem resolver essa equação têm como segredo cuidar das pessoas.

As companhias de destaque deste ano – divididas em pequenas, médias e grandes - mantiveram em alta o índice de confiança dos funcionários (84%). Agora, mais do que nunca, uma equipe engajada faz a diferença.

“Acreditamos que um colaborador que é tratado com respeito e atenção fica muito mais feliz. Assim ele atende melhor o cliente, é mais eficiente e inovador. No fim, o resultado para a empresa é muito melhor”, avalia Hilgo Gonçalves, embaixador do Great Place to Work e diretor da regional do Paraná

Veja a listagem acessando o site:

<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/especiais/melhores-empresas/2016/>

Caderno Situação da Economia e Perspectivas Novembro/2016

01/12/2016 – CNI

Já está disponível o Caderno: Situação da Economia e Perspectivas de Novembro/2016, divulgado pela CNI.

Para acessar o documento clique no link: <http://www.sindimetal.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Situacao-da-Economia-e-Perspectiva-2-caderno-novembro-2016.pdf>

PIB do Paraná cai acima da média nacional no terceiro trimestre

01/12/2016 – Gazeta do Povo

Recuo da economia paranaense foi de 3,1% no terceiro trimestre frente ao mesmo período do ano anterior; PIB nacional caiu 2,9% nesse mesmo intervalo



Queda na produção automotiva contribuiu para recuo de mais de 5% no setor industrial Divulgação Volkswagen

O Produto Interno Bruto (PIB) do Paraná teve uma queda de 3,1% no terceiro trimestre de 2016 frente ao mesmo período em 2015, mais acentuada do que a média nacional, que apresentou retração de 2,9% nesse mesmo período. Os dados foram apresentados nesta quarta-feira (30) pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social (Ipardes) com base no levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No acumulado de 2016, a queda do PIB paranaense totalizou 3%, enquanto o o recuo do PIB brasileiro chegou a 4%. Nesse contexto, os setores que mais contribuíram para esse resultado foram a indústria (com recuo de 5,5%), agropecuária (-2,6%) e serviços (-2,2%). "A indústria sofreu uma forte influência da queda da produção automotiva, enquanto a agropecuária foi afetada pela estiagem e condições climáticas que levaram ao decréscimo da produção", analisa o presidente do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), Julio Suzuki Junior.

O economista justifica o recuo no setor e serviços com a diminuição do consumo dos paranaenses, devido à situação geral de retração na economia brasileira. Ele ressalta que alguns serviços, como transporte, alojamento e alimentação, apresentaram resultados regulares. "Eles foram mais resilientes na crise, mas o resultado de outras atividades, como o comércio, fez o conjunto cair", afirma.

Para 2017, Suzuki afirma que a previsão é de que haja um retorno positivo do crescimento econômico. Isso devido à fadiga da crise atual, ao crescimento da safra agrícola e à importância que as exportações vão ganhar, uma vez que a nossa taxa de câmbio será mais competitiva, por causa da elevação de taxa de juros norte-americana, prevista para os próximos meses.

Governo quer agir para melhorar ambiente de negócios

01/12/2016 – Tribuna PR

Pressionada pelo resultado negativo do PIB, a equipe econômica vai acelerar a elaboração de medidas microeconômicas para ajudar no processo de retomada do crescimento.

O foco do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, continuará sendo a aprovação dos projetos fundamentais de ajuste fiscal (PEC do teto de gasto e reforma da Previdência), mas a área técnica foi orientada a fechar com urgência um cronograma de anúncio de medidas que facilitem o ambiente de negócios.

É uma resposta à pressão que cresceu nas últimas semanas para que o Ministério da Fazenda reverta o quadro de perda de confiança na economia, que ganhou espaço à medida que ficou mais claro que a recuperação do PIB virá de forma mais lenta.

Parte das críticas vem do próprio Palácio do Planalto, que tem cobrado uma agenda econômica mais ativa, até para contrapor à crise política que se acentuou depois da queda do ministro Geddel Vieira Lima.

Sem margem para atender medidas de estímulo ao crédito subsidiado, Meirelles quer também criar as condições para acelerar as concessões.

A renegociação das dívidas das empresas é vista como fundamental para a reversão do quadro econômica. "O PIB é passado. Daqui a três meses começarão a sair dados melhores e o quadro vai começar a melhorar. Os agentes econômicos vão começar receber notícias concretas, e não mais expectativas", disse um integrante da equipe econômico.

Nos próximos dias, cerca de 80 funcionários da Fazenda, Planejamento e Casa Civil se reúnem com o Banco Mundial para discutir gargalos identificados pela instituição. A ideia é fechar um cronograma de ações, como simplificações tributárias, melhorias logísticas e facilitação de exportações e importações, informou o secretário de Acompanhamento Econômico, Mansueto Almeida.

Segundo ele, serão adotadas medidas administrativas e também elaborados projetos de leis que serão enviados ao Congresso. "Essa será uma das agendas mais importantes dos próximos meses", afirmou.

A equipe econômica não considera lançar mão de medidas que foram adotadas no passado para estimular o consumo – como, por exemplo, a liberação de depósitos compulsórios ou novas desonerações tributárias.

A retomada do crescimento só deve ocorrer no primeiro trimestre de 2017, admitiu o secretário de Política Econômica da Fazenda, Fábio Kanczuk. Segundo ele, a recessão está arrefecendo, apesar de o ritmo de queda do PIB no terceiro trimestre (-0,8%) ter acelerado em relação ao período de abril a junho (-0,4%). "O movimento mais longo é de aceleração econômica", afirmou.

Firjan consegue liminar na Justiça contra lei que reduz incentivos fiscais

01/12/2016 – Tribuna PR

A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro informou que obteve na Justiça uma liminar que libera as empresas associadas da obrigação de recolher parte dos incentivos fiscais para o Fundo Estadual de Equilíbrio Fiscal (FEEF). Na prática, a decisão suspende a redução dos incentivos fiscais concedidos pelo Estado.

A liminar, concedida nesta quarta-feira, 30, neutraliza os efeitos da Lei nº 7.428/2016, que determina que as empresas recolham 10% dos incentivos fiscais para o FEEF. Na decisão, o Tribunal de Justiça determina que "é inconstitucional a vinculação da receita do ICMS a um fundo específico, sendo o FEEF manifestamente incompatível com a previsão de que trata o art. 167 da CF/88", conforme alertado pela Federação das Indústrias.

O Tribunal declara ainda que o fundo viola o art. 158, IV, da Carta Constitucional, já que 25% desses recursos não serão repassados aos municípios.

"A Firjan ressalta que alterações na política de incentivos fiscais geram um grave clima de insegurança jurídica para as empresas que já estão instaladas ou pretendem investir no Rio de Janeiro, fato que pode fazer com que muitas delas transfiram seus negócios para outros Estados, iniciando ciclo de esvaziamento econômico. Um dos motivos é que o Estado do Rio é o único das regiões Sul e Sudeste a criar fundo nestes moldes", manifestou a Firjan, em nota.

A federação argumenta que a política estadual de incentivos fiscais contribuiu para a instalação de centenas de indústrias no interior do Estado, que geraram quase cem mil empregos e mais que dobraram a arrecadação de ICMS nos municípios incentivados.

"Tais conquistas estariam em risco, bem como investimentos superiores a R\$ 42 bilhões programados para os próximos anos", alega a Firjan no documento.

A entidade informa que solicitou à Confederação Nacional da Indústria (CNI) que entre com Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) no Supremo Tribunal Federal contra a Lei Estadual 7.428.

Retomada da economia fica para 2017; analistas divergem sobre trimestre

01/12/2016 – Folha de S.Paulo



Após o novo resultado negativo do PIB brasileiro, economistas preveem que o fim da recessão ficou para 2017.

Para Silvia Matos, da FGV, apenas no segundo trimestre do ano que vem a economia deverá dar sinais de que saiu do vermelho. Sérgio Vale, economista da consultoria MB Associados, arrisca que a virada poderia ocorrer antes, no primeiro trimestre do ano. Mas o desempenho do próximo ano não será brilhante. Matos vê expansão de 0,6%, e Vale, de 1% em 2017 –previsão idêntica à do governo. "É um crescimento medíocre", afirma Vale.

Economistas ressaltam que a retração mais forte no fim deste ano drena parte importante do crescimento de 2017, por mera herança estatística.

Os primeiros dados disponíveis mostram que a atividade estava em queda em outubro, sinalizando um quarto trimestre pior que o projetado.

Considerado um termômetro da atividade por registrar o movimento de insumos e mercadorias, o fluxo de veículos pesados nas rodovias recuou 3% em outubro em relação a setembro.

A produção de papelão ondulado (que também ajuda a antecipar o desempenho da indústria) caiu 2% em outubro, na quarta queda seguida.

"Ninguém está vendo sinais de recuperação, o que já começa a postergar a retomada", afirmou Juan Jesen, sócio da consultoria 4E.

Ele apostava em uma recuperação da atividade neste fim de ano, mas agora prevê queda de 0,4% no quarto trimestre e estagnação em 2017.

Para Alessandra Ribeiro, da Tendências Consultoria, a economia teve "espasmos" de recuperação pelo aumento da confiança gerado pela troca de governo após o impeachment, mas essa tendência ainda não se consolidou.

Ela cita o setor automotivo como exemplo desse comportamento errático. Depois de subir em setembro, a produção de veículos voltou a recuar no mês seguinte.

O economista-chefe da LCA Consultores, Bráulio Borges, reconhece que o desempenho da economia ainda é irregular, mas está um pouco menos pessimista.

Ele pondera que a inflação mais controlada ajudou a liberar um pouco o orçamento dos brasileiros, o que pode dar fôlego ao consumo.

"Acredito que atingimos o fundo do poço neste fim de ano, mas ainda é impossível prever qual será a intensidade da recuperação ou até se a economia vai estagnar."

Para Silvia Matos, da FGV, "não está fácil virar a página". Segundo ela, a chave é a capacidade de o governo entregar as reformas que corrijam a insolvência das contas públicas, principalmente a da Previdência.

"Para sair da recessão, será necessário esforço de todos. Não adianta os Estados jogarem o problema para o governo federal e assim por diante. O setor privado está acuado, é um cenário muito delicado para as empresas, muitas podem quebrar."

Sem a ajuda do consumo (emperrado pelo desemprego), da exportação, e do investimento, contido pela turbulência política, a única alavanca de crescimento que resta é a queda da taxa de juros.

"A percepção de uma atividade mais fraca do que se estimava, com a inflação comportada, abre espaço para uma queda de juros maior ao longo de 2017", diz Vale.

Dessa forma, o custo de empréstimos poderia diminuir, o que poderia pouco a pouco a destravar o consumo e ajudar os investimentos.

Tesouro Direto atrelado à inflação deve levar vantagem

01/12/2016 – Tribuna PR

Os títulos do Tesouro Direto atrelados à inflação devem levar vantagem em relação aos demais investimentos, considerando a redução desta quarta-feira, 30, de 0,25 ponto porcentual da Selic, a taxa básica de juros, segundo analistas de corretoras. Os fundos de renda fixa, em geral, continuam mais atrativos que a caderneta de poupança e devem seguir assim no ano que vem.

Para Carlos Acquisti, economista da gestora Infinity, a expectativa é que a Selic fique em 11% ao ano no fim do ano que vem e que a inflação feche 2017 ainda fora do centro da meta, de 4,5%. "A tendência é que o IPCA fique próximo de 6%, o que ainda daria bons retornos para os títulos atrelados à inflação."

Como o cenário internacional a partir do ano que vem é nebuloso, a perspectiva é que o Banco Central aja com cautela na manutenção da Selic, considerando as indicações do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de mudanças de juros nos Estados Unidos.

"Caso o Fed suba os juros no fim deste ano e no começo de 2017, isso certamente irá impactar no câmbio e nos preços. Investir em um título atrelado à inflação pode dar uma maior capacidade de defesa", diz Mauro Mattes, da Concórdia.

"Todos os movimentos internacionais ainda são especulações. Só com o início do governo de Donald Trump, em janeiro, as políticas reativas do Banco Central poderão ser tomadas baseadas em medidas concretas, menos no escuro", pondera Raymundo Magliano Neto, da Magliano Corretora.

Também no contexto interno, o Banco Central não tem espaço para fazer quedas acentuadas, por conta da instabilidade política com a Lava Jato e a implantação do ajuste fiscal, diz Miguel de Oliveira, da Anefac.

Poupança

Quem procura aplicações mais conservadoras e de baixo risco terá retorno melhor se buscar produtos com taxa de administração de até 2,5%. A poupança só leva vantagem sobre aplicações com resgate em até um ano que têm taxas de administração a partir de 3%.

A taxa de juros precisaria retornar aos 8% para a poupança se tornar mais atrativa. A remuneração da aplicação é formada por uma taxa fixa de 0,5% ao mês mais a Taxa Referencial (TR)- o cálculo vale para a Selic acima de 8,5% ao ano.

Em 2015, quem aplicou na poupança perdeu 2,35% do seu poder de compra. A rentabilidade do investimento foi de 8,07%, ante inflação de 10,67%.

Decreto detalha aumento do empenho do Executivo em R\$ 16,2 bilhões

01/12/2016 – Tribuna PR

Uma edição extra do Diário Oficial publicada na noite desta quarta-feira, 30, trouxe o novo decreto orçamentário que detalha as diretrizes do mais recente relatório de avaliação das receitas e despesas primárias do 5º bimestre. No documento, foi formalizado que o poder Executivo terá o limite de empenho e pagamento ampliado em R\$ 16,2 bilhões em relação ao valor citado no relatório do 4º trimestre.

Desse valor, devem ser abatidos R\$ 192,7 milhões destinados à ampliação das emendas constitucionais. O montante restante – de cerca de R\$ 16 bilhões – será alocado, segundo o Ministério do Planejamento, “em reserva financeira destinada primordialmente ao pagamento de restos a pagar e para fazer frente a riscos fiscais que possam se concretizar até o fim do exercício”.

O documento publicado detalha o uso da folga fiscal registrada nas contas do 5º bimestre. O ministro do Planejamento, Dyogo Oliveira, já havia anunciado em 22 de novembro que haveria expansão no limite de gastos em R\$ 16,2 bilhões, especialmente para restos a pagar, e haveria R\$ 3,8 bilhões reservados para compensar eventuais frustrações no resultado de Estados, municípios e empresas estatais.

Copom decide cortar Selic de 14,00% para 13,75% ao ano

01/12/2016 – Tribuna PR

O Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu nesta quarta-feira, 30, por unanimidade, cortar a taxa Selic em 0,25 ponto porcentual, de 14% para 13,75% ao ano, sem viés.

De acordo com o comunicado publicado pelo Banco Central após o término da reunião do colegiado, as projeções para a inflação de 2016 recuaram nos cenários de referência e de mercado e encontram-se em torno de 6,6%.

Para a inflação de 2017, as projeções do BC para os cenários de referência e mercado estão em torno de 4,4% e 4,7%, respectivamente. Para 2018, a estimativa da autoridade monetária para a variação de preços pelo IPCA é de 3,6% no cenário de referência e de 4,6% no cenário de mercado.

O Copom destacou a fraca atividade econômica – com uma projeção menor do PIB – como um dos fatores que podem intensificar o processo de desinflação. Por outro lado, o colegiado apontou sinais de pausa no processo de desinflação no setor de serviços.

'Leitura não é que recessão está acelerando, mas sim arrefecendo', diz Kanczuk

01/12/2016 – Tribuna PR

O secretário de Política Econômica, Fábio Kanczuk, disse nesta quarta-feira, 30, que, na avaliação do governo, apesar de a retração econômica no terceiro trimestre (-0,8%) ter sido mais forte do que no segundo trimestre (-0,4%), a avaliação do

governo é que a recessão está arrefecendo. "Teremos crescimento positivo em breve. O movimento mais longo é de aceleração econômica", afirmou.

De acordo com o secretário, a taxa de investimento está baixa, mas deve se recuperar porque a queda na confiança já foi revertida. "A confiança vai fazer o investimento voltar e aí a economia volta", acrescentou.

Em relação ao nível de emprego, porém, Kanczuk lembrou que há uma defasagem de cerca de seis meses entre a retomada do crescimento e o aumento das contratações. "Desemprego só vai reverter no segundo semestre de 2017", completou.

Brasil deve ter mais dificuldade para superar a recessão, diz UBS

01/12/2016 – Tribuna PR

O UBS divulgou nesta quarta-feira, 30, comentário no qual avalia que o Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre, que mostrou retração de 0,8% ante o segundo, sugere maior dificuldade do País de sair da recessão. Por outro lado, a boa notícia, destaca o banco, é que o Brasil tem amplo espaço para estimular a economia via afrouxamento monetário.

Em geral, a atividade econômica surpreendeu negativamente o banco, que no início do trimestre projetava queda de 0,2% no PIB de julho a setembro. Fora isso, os indicadores do quarto trimestre seguem sem indicar qualquer melhora, comentou a casa.

"Ainda que períodos de inflexão de ciclos econômicos sejam geralmente seguidos por alta volatilidade dos indicadores, os números de hoje indicam maior dificuldade da economia brasileira em superar a recessão", comentou o UBS.

Entre os componentes do PIB, a instituição destacou o declínio de 3,1% dos investimentos em capital produtivo, que, após dez trimestres consecutivos no vermelho, tinham crescido 0,5% nos três meses anteriores. Já o consumo das famílias, com queda de 0,6%, mais uma vez não deu sinal de reação, em linha com a expectativa de que esse componente, pressionado pelo avanço do desemprego até o segundo ou o terceiro trimestre de 2017, será o último segmento a deixar a crise.

O PIB só não foi pior porque as importações, devido à fraca demanda doméstica, caíram 3,1% em relação ao segundo trimestre, o que permitiu uma contribuição positiva da balança comercial no resultado, assinala o UBS em relatório assinado pelos economistas Thiago Carlos, Guilherme Loureiro e Rafael De La Fuente.

Selic

De acordo com a instituição financeira, a fraca atividade indica um largo espaço para flexibilização na política monetária, a seguir hoje com um corte de 0,25 ponto percentual na taxa básica de juros, a Selic. O UBS prevê um conteúdo "dovish" – ou seja, com indicações de novos cortes – no comunicado a ser divulgado pelo Comitê de Política Monetária (Copom), após a reunião de seus membros.

Na visão do UBS, a inflação deve perder força nos próximos meses, abrindo espaço para um longo ciclo de redução nos juros. A expectativa é de que o comunicado do Copom coloque na mesa a possibilidade de um corte mais agressivo, de meio ponto percentual, na reunião da autoridade monetária em janeiro.

O banco prevê recuperação modesta, com crescimento de 1,3% da economia brasileira em 2017, seguido por uma expansão de 2,6% no ano seguinte. Mas vê agora mais riscos a esse cenário.

Principal razão para queda do PIB foi alto endividamento de empresas, diz Fazenda

01/12/2016 – Tribuna PR

A principal razão para a queda de 0,8% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no terceiro trimestre em relação ao segundo é “o elevado nível de endividamento das empresas, que refletiu na queda do investimento”, avaliou o Ministério da Fazenda em nota. “Esse quadro decorreu de condições anteriores ao estabelecimento da nova agenda econômica do governo, que se mostraram mais graves do que inicialmente percebidas”, frisou a pasta.

Segundo a Fazenda, o resultado não provocou alterações em suas projeções para a economia. Neste mês, as estimativas foram revisadas para queda de 3,5% do PIB este ano e alta de 1,0% em 2017. “Deve-se ressaltar que a projeção anual para 2017 é estatisticamente influenciada pelos resultados trimestrais de 2016, o que inclui o carregamento estatístico”, diz a pasta.

Ainda segundo o Ministério, “o crescimento na margem da economia brasileira será de 2,8% para 2017, quando se considera a variação entre o 4º trimestre de 2017 e o 4º trimestre de 2016”.

BC reduz taxa básica de juros para 13,75% ao ano

01/12/2016 – Gazeta do Povo



O Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu, nesta quarta-feira (30), por unanimidade, reduzir a taxa básica de juros, a Selic, em 0,25 ponto porcentual, para 13,75% ao ano.

Esta é a segunda redução seguida da Selic – o primeiro corte, também de 0,25 ponto, ocorreu na última reunião do Copom. A redução vai ao encontro da expectativa da maioria do mercado financeiro, mas foi menor do que se imaginava há algumas semanas.

A expectativa até as eleições americanas era a de que o Copom poderia reduzir os juros em 0,5 ponto porcentual. Algumas condições para um corte mais acelerado, como a redução da inflação corrente, estão presentes. Mas a eleição de Donald Trump, seguida de instabilidade nos mercados e uma maior expectativa de alta dos juros nos EUA, trouxe mais incerteza para a atuação do Banco Central.

A taxa de juros é ajustada com o objetivo de levar a inflação para a meta de 4,5% ao ano – o acumulado em 12 meses até outubro estava 7,87%, mas com forte tendência de queda nos próximos meses.

Os juros, por sua vez, influenciam bastante a atividade econômica. Uma taxa mais baixa tornaria os empréstimos mais baratos e poderia ser um estímulo para a atividade, que está bastante enfraquecida no Brasil. Dados divulgados nesta quarta mostram que o PIB continuou em queda no terceiro trimestre deste ano (retração de 0,8% na comparação com o segundo trimestre).

Brasil amarga lanterna em ranking do PIB com 39 países

01/12/2016 – Gazeta do Povo

O grupo de países analisado na comparação internacional elaborada pela Austin Rating representa 83% do PIB mundial



O Brasil amargou novamente a lanterna em um ranking de 39 países que já divulgaram seus dados oficiais de crescimento econômico para o terceiro trimestre. O país registrou queda de 2,9% no Produto Interno Bruto (PIB) na comparação com o mesmo período de 2015, a décima consecutiva nessa comparação.

O grupo de países analisado na comparação internacional elaborada pela Austin Rating representa 83% do PIB mundial. Novamente, o Brasil foi superado por economias que recentemente passaram por forte crise como a Grécia (1,2%), além de Ucrânia (1,8%) e Rússia (-0,6%), que enfrentaram guerras e nas edições anteriores tiveram desempenhos ainda piores. A Noruega ficou na 38ª posição, à frente do Brasil, com queda de 0,9% do PIB.

Outras economias que apresentaram resultados muito ruins nas edições anteriores, como a Venezuela, até o momento não divulgaram seus resultados, ressalta a agência de classificação de risco.

Segundo a Austin, as Filipinas tiveram o melhor desempenho no terceiro trimestre, com crescimento de 7,1% no PIB, ante o mesmo trimestre de 2015. Em seguida aparecem no ranking China (6,7%), Indonésia (5%), Israel (5%), Peru (4,4%) e Malásia (4,3%).

Países da Europa que ainda se recuperam da crise financeira de 2008, seguida de graves problemas fiscais, ficaram bem à frente do Brasil. É o caso de Espanha (7º lugar) e Portugal (24º).

O resultado do Brasil no trimestre ficou bem abaixo da média de outros Brics - de crescimento de 1,1% no período. A conta não engloba resultados da Índia e da África do Sul, cujos dados ainda não foram divulgados. O desempenho brasileiro é ainda mais fraco se comparado à média geral de crescimento do PIB dos 39 países listados: 2,1%.

Projeção

A partir dos resultados do PIB do terceiro trimestre e dos resultados dos indicadores antecedentes dos últimos meses, a Austin Rating revisou sua projeção de retração do PIB de 2016 para 3,5%, ante um recuo de 3,1% estimado no trimestre anterior. Já para 2017, a Austin acredita que o PIB poderá crescer 1,3%, contrariando a tendência do mercado, que tem projetado um PIB abaixo de 1%.

“A revisão para cima do PIB de 2017 recai sobre a perspectiva de melhora vigorosa dos fatores de produção a partir do segundo semestre de 2017, com destaque aos investimentos privados, bem como pela retomada do mercado de crédito com estímulo da queda da taxa de juros e início de recuperação do mercado de trabalho, além do efeito estatístico da base de comparação menor”, diz o estudo.

No entanto, a Austin ressalva que a concretização de um cenário econômico brasileiro melhor em 2017 depende, em parte, das alterações que a economia global sofrerá a partir da mudança de política econômica nos Estados Unidos, que na análise da agência de risco deve elevar a taxa de juros no fim deste ano, alterando a relação de preços dos ativos financeiros globais. O “efeito Trump” sobre as relações internacionais de comércio exterior também deve pesar.

A ideia é boa, mas você sabe defendê-la?

01/12/2016 – Gazeta do Povo

No mundo dos negócios, a apresentação da ideia é fundamental para que ela cresça ou não saia do papel



Depois do surgimento de uma grande ideia, o maior desafio do empreendedor é conseguir defender a proposta e convencer investidores e clientes a colocarem a mão no bolso por ela. Mais do que ser sincero ou apresentar número atrás de número, o processo de defesa de uma ideia passa pela compreensão do mercado e em como a proposta está inserida nele, além de informações que mostrem o potencial do negócio.

Segundo o diretor de relacionamento (CRO) e de marketing da Smartalk Apresentações de Impacto, Flávio Santos, para ser efetivo, o processo de criação de uma apresentação deve ser focado no público. “É preciso estabelecer um bom roteiro, usar como apoio mensagens visuais claras e diretas e fechar com argumentos alinhados ao todo”, comenta.

Quando o caso é defender a ideia de negócio para investidores, o diretor da Smartalk acredita que a apresentação deve ser pautada a responder perguntas como “para que serve a ideia/solução?” e “como sua solução pode me beneficiar”. “O desafio maior é ser direto e responder as dúvidas do investidor nos dois primeiros slides”, acrescenta Santos.

Além de informações como plano de negócio, viabilidade de mercado, resultados e retornos esperados, e escalabilidade do negócio, é importante que o empreendedor mostre a capacidade da equipe envolvida. “Temos percebido que os investidores têm colocado o dinheiro, que é um investimento de risco, em equipes que mostrem que podem performar o melhor possível”, afirma Sandro Vieira, diretor presidente do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP).

Ele acrescenta ainda que o apresentador da ideia – empreendedor ou porta voz – tem de ser racional, na medida das análises de mercado e potenciais, e emocional, na medida do carisma e da paixão com o negócio. “Empreendedor sem brilho, sem sangue no olho, sem energia, não encanta potenciais investidores, nem clientes”, assegura Vieira.

Cliente

Já quando a apresentação é para clientes, Alexandre Roa, um dos sócios fundadores da Host4Pet, o “Airbnb” dos animais de estimação, diz que é preciso mostrar a relevância do negócio a fim de criar empatia com o cliente, até que ele se sinta atraído. Nesses casos, as informações concentradas na defesa da ideia devem seguir a linha de solução de problemas e facilitação do dia a dia. “É preciso saber o que o cliente

busca e as demandas do mercado para mostrar que você pode resolver o problema dele e, inclusive, para apresentar as formas de como ele pode ser resolvido”, afirma Roa.

Cuidados

Para o tiro não sair pela culatra, Flávio Santos, da Smarttalk, acredita que, mais do que conhecer, é preciso se colocar no lugar do espectador da apresentação. “Não existe informação irrelevante na hora de defender uma ideia, existem informações mais adequadas para certos tipos de situação”, pondera.

Como um dos maiores problemas é o tempo, Santos reitera que é importante focar na agilidade com que a mensagem será passada. “Em um *pitch* [reunião de apresentação de curto prazo para vender a ideia para potenciais investidores], mais ainda. Tem que ser direto, sem rodeios e focado em responder possíveis questionamentos.”

Quanto ao uso de ferramentas no auxílio da defesa da ideia de negócio, Santos reforça o conceito de condensar informações de solução. “Recurso visual é complemento do discurso e não muleta.

Guy Kawasaki, famoso ‘evangelista’ da Apple, tinha a regra dos 10, 20, 30: dez slides, 20 minutos, fonte tamanho 30. Em escala menor, mas essa é a ideia”, explica. Para ele, além de dominar conteúdo e público, é preciso se sentir confortável com o ambiente da apresentação.

Pelo 3º ano seguido, indústria química deve mostrar queda do déficit comercial

01/12/2016 – Tribuna PR

Projeções da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) apontam que, pelo terceiro ano consecutivo, deverá ser registrada retração do déficit comercial em produtos químicos, atingindo US\$ 22 bilhões. As importações devem totalizar US\$ 33,9 bilhões, ao passo que as vendas externas devem somar US\$ 11,9 bilhões, com declínios de 11,3% e de 7,5% ante 2015, respectivamente.

Contudo, em termos de volumes, deverão ser registradas movimentações de 36 milhões de toneladas importadas e de 15,9 milhões de toneladas exportadas, com aumentos de 7% e de 2,7%, na mesma comparação.

Na opinião da diretora de assuntos de comércio exterior da Abiquim, Denise Naranjo, os resultados da balança comercial demonstram que a indústria química brasileira continua passando por um momento bastante delicado, no qual o declínio das importações em valores não pode ser traduzido como ganhos de competitividade da indústria doméstica.

O motivo é que continuam crescentes os volumes importados. Ela diz que exportar foi o caminho encontrado para minimizar os impactos do turbulento momento econômico nacional.

“É inquestionável que, conjunturalmente, a variável câmbio trouxe certo alívio em relação ao produto importado, bem como possibilitou a colocação de mercadorias brasileiras no exterior, fatos decisivos para que o cenário da indústria doméstica não fosse ainda mais dramático”, afirma Denise.

Acumulado até outubro

No acumulado do ano até outubro, as importações somaram US\$ 28,6 bilhões e as exportações chegaram a US\$ 10 bilhões. Na comparação com igual período de 2015, as compras externas tiveram um sensível decréscimo de 12,7%, ao passo que as exportações de 8,5%.

Assim, o déficit na balança comercial de produtos químicos, entre janeiro e outubro, de US\$ 18,6 bilhões, representa uma redução de 14,8% ante o mesmo intervalo de 2015.

Até o mês passado, os intermediários para fertilizantes permaneceram como o principal item da pauta de importações químicas, respondendo por 14,8% do total das importações. Entretanto, em valores, as compras desses produtos somaram US\$ 4,2 bilhões, registrando queda de 17,3% na relação anual.

Principal razão para queda do PIB foi alto endividamento de empresas, diz Fazenda

01/12/2016 – Tribuna PR

A principal razão para a queda de 0,8% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no terceiro trimestre em relação ao segundo é “o elevado nível de endividamento das empresas, que refletiu na queda do investimento”, avaliou o Ministério da Fazenda em nota.

“Esse quadro decorreu de condições anteriores ao estabelecimento da nova agenda econômica do governo, que se mostraram mais graves do que inicialmente percebidas”, frisou a pasta.

Segundo a Fazenda, o resultado não provocou alterações em suas projeções para a economia. Neste mês, as estimativas foram revisadas para queda de 3,5% do PIB este ano e alta de 1,0% em 2017. “Deve-se ressaltar que a projeção anual para 2017 é estatisticamente influenciada pelos resultados trimestrais de 2016, o que inclui o carregamento estatístico”, diz a pasta.

Ainda segundo o Ministério, “o crescimento na margem da economia brasileira será de 2,8% para 2017, quando se considera a variação entre o 4º trimestre de 2017 e o 4º trimestre de 2016”.

Aneel: caducidade de lotes da Abengoa deverá ser tratada ainda em 2016

01/12/2016 – Tribuna PR

O processo de caducidade dos projetos de linha de transmissão ainda em construção atualmente pertencentes à espanhola Abengoa, em recuperação judicial, deve avançar ainda este ano e a expectativa é que esses lotes voltem a leilão em 2017, possivelmente no primeiro certame a ser realizado no ano que vem, em abril, disse o diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) André Pepitone.

Ele comentou que, embora a agência privilegie uma solução de mercado para os ativos da Abengoa, com a troca do controle da concessão, para os projetos em construção, particularmente para aqueles em estágio ainda muito inicial de obras, isso não será possível, por isso o único caminho seria a caducidade. No entanto, existem outros dois projetos com obras mais avançadas para as quais haveria interesse de investidores.

Pepitone comentou que já houve a manifestação formal à Aneel por parte de um investidor que está interessado, no entanto, não houve manifestação de que de fato quer adquirir. “Então, até a última reunião colegiada de diretoria da Aneel em 2016 esse assunto será tratado”, comentou. Tal reunião deve ocorrer ainda antes do Natal. Conforme explicou o diretor da Aneel, o processo de caducidade leva alguns meses, já que há prazos para manifestação e defesa da empresa. “Não é um rito sumário, tem de ser observado o contraditório, a ampla defesa”, disse.

Ele indicou que o próximo leilão de novos empreendimentos de transmissão pode vir a contar com esses lotes, caso o processo de caducidade seja concluído antes desse

prazo. "O mundo ideal seria esses lotes contemplarem o primeiro leilão de 2017", comentou.

Ele destacou que o primeiro leilão de transmissão deverá ser realizado em abril, e não mais em março, como sinalizado anteriormente. Isso porque a agência vai ampliar o prazo entre a publicação do edital e a realização do certame para 60 dias. Conforme Pepitone, a mudança atende a pedido dos investidores, que queriam mais tempo para analisar os projetos.

Pepitone participou na manhã desta quarta-feira, 30, do leilão de privatização da distribuidora goiana Celg D, conquistada pela italiana Enel, que ofereceu um prêmio de 28% ante o valor mínimo estabelecido.

O diretor da Aneel o considerou "um sucesso duplo", pelo ágio e pelo fato de o ativo ter ficado com uma "entrante consagrada" no mercado de distribuição. A Enel já atua no setor no País por meio da Coelce (CE) e da Ampla (RJ).

Faturamento da indústria de máquinas cai 14,8% em outubro, diz Abimaq

01/12/2016 – Tribuna PR

A indústria de máquinas e equipamentos nacional faturou R\$ 5,077 bilhões em outubro deste ano, queda de 14,8% ante setembro e recuo de 22% na comparação com outubro do ano passado, mostram dados divulgados nesta quarta-feira, 30, pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Com os resultados, o faturamento acumulado de janeiro a outubro é de R\$ 55,851 bilhões, montante 26% menor do que o de igual período do ano passado.

De acordo com dados da Abimaq, o consumo aparente do setor – ou seja, indicador que mede a produção interna mais importações e exclui exportações – totalizou R\$ 7,206 bilhões em outubro, queda de 6,2% em relação a setembro e retração de 33,9% na comparação com igual mês de 2015. Com isso, o consumo aparente acumulado nos dez primeiros meses deste ano registra R\$ 86,475 bilhões, 26,4% a menos frente a igual intervalo do ano passado.

Balança

Segundo a Abimaq, o déficit comercial da indústria de máquinas e equipamentos nacional ficou em US\$ 512,33 milhões em outubro deste ano, alta de 32,2% ante o déficit de setembro, mas recuo de 41,8% na comparação com o saldo negativo de outubro do ano passado.

O déficit foi resultado de exportações que somaram US\$ 601,33 milhões no mês, montante 1,9% menor do que o registrado em setembro, mas 3,9% superior ao anotado em outubro de 2015. Já as importações de máquinas e equipamentos somaram US\$ 1,113 bilhão, alta de 11,3% sobre o resultado de setembro, porém recuo de 23,6% ante o nível alcançado em igual mês do ano passado.

No acumulado do ano até outubro, as exportações cresceram 1,3%, para US\$ 6,506 bilhões, enquanto as importações apresentaram queda de 18,9%, para US\$ 13,249 bilhões, ambas na comparação com igual período de 2015. O déficit acumulado, portanto, é de US\$ 6,742 bilhões, baixa de 32%.

Nível de emprego

A indústria brasileira de máquinas e equipamentos encerrou o mês de outubro com 303,4 mil empregados, alta de 0,4% em relação ao nível de setembro, mas queda de 5,4% na comparação com outubro do ano passado, mostram dados da Abimaq. No acumulado do ano a baixa é de 9,8%. O setor fechou 17,4 mil postos de trabalho nos últimos 12 meses.

A Abimaq divulgou também que o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) ficou em 63,4% em outubro, 5,5 pontos percentuais menor do que o verificado em setembro e 4,9 pontos percentuais inferior ao registrado no mesmo mês do ano passado.

Fundos ganham da poupança na maioria dos casos com Selic a 13,75%

01/12/2016 – Bem Paraná

As aplicações em renda fixa, como fundos de investimento, ganham da poupança na maioria das situações com a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano. O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central decidiu nesta quarta-feira (30) reduzir a Selic em 0,25 ponto percentual conforme esperado pela maior parte mercado.

A Anefac (Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade) afirma, porém, que mesmo com a queda de Selic, as cadernetas de poupança vão continuar interessantes frente aos fundos de renda fixa cujas taxas de administração sejam superiores a 2,50% ao ano.

Isso porque a poupança, que rende TR (taxa referencial) mais 6,17% ao ano, não sofre qualquer tributação. Já os fundos de renda fixa têm incidência de Imposto de Renda sobre seus rendimentos, sendo que a alíquota é maior quanto menor for o prazo de resgate. Outras aplicações se mantêm atrativas com a Selic a 13,75% ao ano.

Mesmo com remuneração de 80% do CDI (Certificado de Depósito Interfinanceiro, taxa de juros nos empréstimos entre bancos), o CDB leva vantagem sobre a caderneta de poupança.

Enquanto o rendimento da poupança fica em 7,70% ao ano, o CDB aplicado pelo mesmo período renderia 8,77%. Se o período for elevado para mais de dois anos, o rendimento anualizado desse CDB subiria para 9,31%, já que a alíquota do Imposto de Renda sobre os juros obedece a uma tabela regressiva que começa em 22,5% e vai caindo gradativamente até alcançar 15%.

No caso da LCI/LCA (Letras de Crédito Imobiliário e do Agronegócio, respectivamente), a taxa de retorno fica ainda mais atrativa por causa da isenção de IR para pessoas físicas. Se o investidor conseguir uma taxa de 70% do CDI, a remuneração será de 9,52%. Se a taxa for de 90% do CDI, o retorno sobe para 12,41%.

O Tesouro Selic (título público pós-fixado que segue o juro básico), com custo de 0,3% de custódia e zero de corretagem, tem retorno em até seis meses de 10,42% e de 11,43% acima de 24 meses.

13º salário injeta R\$ 6,8 bilhões na economia das principais cidade do Paraná

01/12/2016 – Bem Paraná

O pagamento do 13º salário deve injetar R\$ 6,8 bilhões na economia das principais cidades do Paraná, de acordo com estimativa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Esta quarta-feira (30) é o último dia para as empresas depositarem a primeira parcela da gratificação. A segunda parcela, conforme a legislação trabalhista, deve ser paga até 20 de dezembro.

No Brasil, o pagamento do 13º salário vai representar R\$ 196,7 bilhões a mais na economia, ou seja, aproximadamente 3% do Produto Interno Bruto (PIB).

Têm direito ao 13º salário todos os profissionais do serviço público e da iniciativa privada, urbano ou rural, avulso e doméstico, além dos aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Os trabalhadores que possuem menos de um ano na empresa também recebem o valor proporcional aos meses trabalhados.

No Paraná, aproximadamente 2,3 milhões de pessoas devem receber este dinheiro extra. A média desta gratificação, segundo o Dieese, é de R\$ 2.926,79. Em Curitiba, o valor é maior R\$ 3.702,84.

Este montante de R\$ 6,8 bilhões é 8,5% maior do que o valor estimado em 2015 pelo Dieese.

Além disso, conforme divulgado pelo Departamento, corresponde a 82,12% do total a ser injetado no mercado formal – considerando profissionais celetista e estatutário – da economia paranaense em 2016.

Investimentos e indústria vivem 'voo de galinha' no Brasil

01/12/2016 – Bem Paraná

Os investimentos e a indústria viveram uma espécie de voo de galinha neste ano. Após experimentar uma ligeira alta no segundo trimestre, o que animou perspectivas de que a economia brasileira sairia da recessão neste ano, ambos voltaram a cair e puxaram o PIB para baixo no terceiro trimestre.

O investimento reverteu uma alta de 0,5% no segundo trimestre, e recuou 3,1% no terceiro trimestre, informou nesta quarta (30) o IBGE. A indústria passou de uma alta de 1,2% para um recuo de 1,3% entre o segundo e o terceiro trimestre. As comparações são sempre ante o trimestre imediatamente anterior.

Segundo Rebeca Palis, gerente da pesquisa de Contas Nacionais do IBGE, o desempenho dos dois grupos, dado seu peso na economia, foi determinante para o resultado negativo do PIB no terceiro trimestre.

"O consumo das famílias, embora [em terreno] negativo, não intensificou tanto a sua queda", disse Palis. A técnica do IBGE observa que o recuo na indústria tem relação com a fraqueza dos investimentos. Isso porque o principal fator da queda da indústria veio da indústria de transformação, que responde por mais da metade do setor industrial.

Os destaques negativos, segundo o IBGE, vieram de máquinas e equipamentos e indústria automotiva. "Há três fatores que influenciaram os investimentos no terceiro trimestre: a redução da importação de máquinas e equipamentos, o aumento dos juros reais [descontada a inflação] e o ambiente econômico", disse.

No terceiro trimestre, os juros do Banco Central ainda não haviam caído. O corte ocorreu em outubro. "Em 2014, a indústria estava caindo e os outros setores ainda não. Em 2015, os serviços passaram a cair. Neste ano, a agropecuária também entrou no time da queda. Ou seja, todas as três categorias estão caindo", resume Palis.

Dentre as 12 principais atividades da economia, apenas três não registraram queda na comparação com o segundo trimestre: extrativa mineral, serviços de comunicação e atividades imobiliárias.

A produção de petróleo sustentou aumento do setor de extração mineral, porque a produção de minério de ferro vem caindo continuamente desde o rompimento da barragem da Samarco em Mariana. Ela cresceu 3,8% ante o segundo trimestre,

também em decorrência da volta na atividade em algumas plataformas da Petrobras que estavam em manutenção no primeiro semestre deste ano, diz o IBGE.

Também ficou no azul o desenvolvimento de sistemas, softwares e aplicativos, que cresceram 0,5% na comparação com o trimestre anterior. Atividades imobiliárias marcaram crescimento zero. O pior desempenho entre as atividades foi detectado no transporte e armazenagem que retraiu 2,6% na passagem do segundo para o terceiro trimestre.

Segundo Palis, do IBGE, o desempenho se deve provavelmente à queda no consumo de famílias e empresas. Entenda o que é o PIB O PIB, Produto Interno Bruto, é um dos principais indicadores de uma economia. Ele revela o valor adicionado à economia em um determinado período.

O PIB pode ser calculado pela ótica da oferta e pela ótica da demanda. Os métodos devem apresentar o mesmo resultado. Desde o último trimestre de 2014, o IBGE passou a aplicar diretrizes da ONU que alteraram parcialmente os cálculos para o PIB.

Investimentos em pesquisa e desenvolvimento, prospecção e avaliação de recursos minerais (mesmo que não sejam encontradas, por exemplo, jazidas de minério ou petróleo) e aquisição de softwares passaram a ser contabilizados no PIB.

Antes, eram encarados como despesas intermediárias e descontadas do cálculo. Pela nova metodologia, os gastos governamentais com a compra de equipamentos militares também passam

China conclui fusão que criará maior siderúrgica do país

01/12/2016 – Folha de S. Paulo



A fusão entre o Baoshan Iron and Steel Group (Baosteel) e sua rival de menor porte, a Wuhan Iron and Steel, foi formalmente concluída em uma cerimônia em Xangai nesta quinta-feira, que deu origem à maior siderúrgica da China.

A empresa combinada, que atenderá por Baowu Steel, terá capacidade anual de produção de cerca de 60 milhões de toneladas, tornando-se a segunda maior siderúrgica do mundo, depois da ArcelorMittal.

A Baowu Steel dispõe de um total de ativos avaliado em 730 bilhões de yuans (US\$ 106 bilhões) e uma força de trabalho de 228 mil pessoas, informou a empresa em comunicado.

A fusão entre as duas siderúrgicas foi oficialmente aprovada pelo governo chinês, em setembro, como parte dos esforços do país para racionalizar o setor.

Anteriormente, Baoshan Iron and Steel e Wuhan Iron and Steel, ambas com capital aberto, anunciaram a suspensão das negociações de suas ações enquanto a combinação de negócios estava sendo avaliada por reguladores.

Com planos de colocar 60% da capacidade de produção de aço da China nas mãos das suas dez maiores empresas até 2025, o país vem encorajando aquisições e fusões no setor de siderurgia há anos.

O gigante asiático também busca reduzir a quantidade de empresas administradas diretamente pelo governo central, como parte de uma reforma abrangente das estatais. O número atual chega a 102, abaixo dos 111 apurados no começo do ano. E, segundo a mídia estatal, é possível que recue para 40.

China aplica nova taxa de 10% para compra de carros de luxo

01/12/2016 – Folha de S. Paulo



A China adotou uma taxa extra de 10% para compra de automóveis de luxo, uma nova medida que pretende combater o estilo de vida ostentoso da elite política e econômica.

A nova taxa, aplicada aos veículos com preço que superam 1,3 milhão de yuans (US\$ 187 mil), entrou em vigor nesta quinta-feira (1º).

O objetivo é estimular "um consumo racional" e promover os veículos que consomem menos combustível, segundo o ministério chinês das Finanças.

Recentemente, o presidente Xi Jinping criticou o modo de vida das personalidades políticas e dos grandes empresários.

Ao chegar ao poder, Xi Jinping iniciou uma campanha para combater a corrupção no Partido Comunista da China.

Nas redes sociais, as críticas são cada vez maiores ao estilo de vida extravagante das autoridades do governo, dos parlamentares e seus parentes, com uma permanente ostentação da riqueza com automóveis, joias e roupas de luxo.

A conduta contradiz com a imagem de austeridade, honestidade e sacrifício que Xi tenta estimular no Partido Comunista desde que chegou ao poder.

A nova taxa afeta em particular as marcas emblemáticas dos carros de superluxo — Ferrari, Rolls-Royce ou Lamborghini—, muito apreciadas na China.

Também afeta as marcas alemãs Mercedes e BMW.

A medida é aplicada justamente no momento em que a venda de carros de luxo voltava a aumentar, depois de ser afetada nos últimos anos pela campanha anticorrupção.

No segundo trimestre do ano, a Ferrari vendeu 160 automóveis, o que representa um aumento de 26%.

As marcas de luxo aproveitam também a boa dinâmica do mercado automobilístico que, em outubro, registrou alta de 18,7% nas vendas, de acordo com os fabricantes.

Falta pouco para a atual recessão se tornar a pior da história

01/12/2016 – Folha de S. Paulo

O ciclo recessivo mais longo que a economia brasileira atravessou até agora foi o que começou entre o fim de 1989 e o início de 1992, se estendendo por 11 trimestres consecutivos. A recessão atual já dura dez trimestres.

Se o critério usado for a magnitude da contração da atividade econômica, já acumulamos um tombo de 8,3% desde o início do segundo trimestre de 2014, quando entramos no atoleiro atual.

Até agora, o pior desempenho registrado foi a queda de 8,5% entre janeiro e março de 1981 e o mesmo período de 1983.

Empataremos com os recordes históricos tanto em termos de duração quanto de intensidade? É bem provável que sim.

Embora projeções em economia sempre estejam sujeitas a erros (às vezes, bem grandes), os indicadores do último trimestre do ano, que vivemos agora, continuam bastante negativos.

O desemprego está alto, a indústria continua afundando, o desempenho do crédito permanece fraco, a confiança de consumidores e empresários em relação ao futuro – que ajuda a determinar o quanto ambos estão dispostos a gastar– voltou a piorar recentemente.

Tudo isso leva economistas a esperarem nova contração do PIB trimestral próxima a 0,5% entre outubro e dezembro deste ano.

Seria o suficiente para atingirmos 11 trimestres consecutivos de recessão –mesma marca do ciclo dos anos 90– e contração da atividade de 8,8%, a mais profunda da história.

Mas a parte pior dos dados mais recentes nem é essa questão técnica, mas a constatação de quão difícil tem sido superarmos essa crise.

Os resultados dos indicadores econômicos do segundo trimestre indicavam que a recessão se aproximava do fim. Muitos economistas previam, na época, que a economia se estabilizaria –ou seja, pararia de cair– entre julho e setembro e já mostraria ligeira recuperação no fim de 2016.

Triste engano. Isso não ocorreu, e o desafio para termos algum crescimento moderado em 2017 é enorme.

Cálculos do economista Alexandre Schwartzman, ex-diretor do Banco Central e colunista da **Folha**, mostram que, se a economia contrair 0,5% entre outubro e dezembro, precisará crescer a uma média de 0,76% nos quatro trimestres de 2017 para que o próximo ano termine com expansão de 1%.

Não é impossível, como ele ressalta, mas demandaria uma aceleração e tanto da atividade.

Se algo perto disso não ocorrer, o já elevado impacto social do atual ciclo recessivo atingirá um nível perigoso.

Segundo os economistas do banco Goldman Sachs, nossa renda per capita acumula queda de 10,3% desde o início da atual recessão, acima da contração de 7,6% registrada durante toda a chamada década perdida.

Ou seja, a população brasileira amarga um recuo muito mais profundo de seu poder aquisitivo nos últimos 10 meses do que o verificado nos 12 anos que se estenderam entre 1981 e 1992.

Um dos riscos desse cenário seria a eleição em 2018 de algum salvador da pátria com propostas populistas, que poderiam nos fazer afundar ainda mais.

Ford terá sistema que desativa cilindro no motor EcoBoost 1.0

01/12/2016 – Automotive Business



A Ford planeja lançar em 2018 um sistema que permite desativar o uso de um dos cilindros do seu motor 1.0 EcoBoost quando a capacidade máxima não é exigida, como em ponto morto ou em velocidade de cruzeiro, o que pode reduzir o consumo de combustível em até 6% e, por consequência, diminuir as emissões.

O sistema já é utilizado comumente em motores maiores e, segundo a empresa, sua tecnologia para o EcoBoost contraria a ideia de que um motor com essa configuração seria incapaz de oferecer o refinamento exigido por um veículo de passeio.

A nova tecnologia é capaz de desabilitar ou habilitar um cilindro em 14 milissegundos – 20 vezes mais rápido que um piscar de olhos. Combinada com soluções avançadas para contrabalançar vibrações, essa desativação é imperceptível para o motorista em termos de desempenho do motor, reduzindo o atrito e a necessidade de bombeamento.

Ela está sendo desenvolvida pelas equipes de engenharia da Ford em Aachen e Colônia, na Alemanha, em Dagenham e Dunton, no Reino Unido, e em Dearborn, nos Estados Unidos, em parceria com os engenheiros da Schaeffler.

“A Ford avança nos limites da engenharia mais uma vez para melhorar ainda mais a eficiência do motor EcoBoost 1.0 e provar que ainda há potencial a ser explorado até mesmo nos melhores motores a combustão para entregar mais economia aos consumidores”, diz o vice-presidente de Engenharia de Powertrain da Ford Europa, Bob Fascetti.

Este sistema permite a operação em velocidades de até 4.500 rpm – quando as válvulas se abrem e fecham quase 40 vezes por segundo. Ele usa a pressão de óleo do motor para ativar uma válvula especial e interromper a conexão entre o eixo de comando e as válvulas do cilindro número 1.

Um software determina o momento ideal de desativação do cilindro com base na velocidade, posição do acelerador e carga do motor. Por sua vez, um novo módulo de comando do eixo, similar ao lançado no início do ano no novo motor diesel Ford EcoBlue, libera espaço no cabeçote para os novos circuitos de óleo e componentes do interruptor de válvulas.

“Por ter capacidade variável, o sistema de desativação de cilindro dá ao motorista toda a potência do motor quando ele quer e a economia de um motor menor quando ela não é necessária”, explica o engenheiro de Powertrain da Ford Europa, Dennis Gorman.

“Nossa pesquisa mostra que na maioria das situações de rodagem o sistema fica ativo por apenas alguns segundos de cada vez, agindo de forma rápida e imperceptível, e pode melhorar a economia de combustível em até 6%.”

Para a montadora, seu sistema de desativação de um cilindro tem menor complexidade, o que viabiliza a produção em massa. Além disso, a adoção de um novo volante de dupla massa e disco de embreagem com amortecimento de vibrações ajuda a neutralizar as oscilações do motor quando ele opera com dois cilindros, especialmente em rotações mais baixas.

As válvulas de admissão e exaustão se fecham quando o sistema está ativo, prendendo os gases para criar um efeito de mola que ajuda a balancear as forças entre os três cilindros, além de conservar a temperatura dentro do cilindro para manter a eficiência da queima quando ele é reativado.

Os novos suportes do motor, eixos de transmissão e buchas de suspensão também contribuem para o refinamento. Há também o reforço de componentes para suportar as variações de carga resultantes da desativação do cilindro, incluindo uma nova corrente do eixo de comando e osciladores de válvula produzidos pelo sistema de metal injetado.

“A desativação de cilindro ajusta a capacidade do motor para melhorar a economia de combustível. E, para trazer o maior benefício aos consumidores, precisa ser ativada nas mais diversas situações de direção”, argumenta o gerente de Pesquisa e Engenharia Avançada de Powertrain da Ford Europa, Carsten Weber.

“Nós estamos testando intensamente o sistema em condições reais usando várias estratégias de desativação para desenvolver um sistema que aumenta a economia de combustível sem comprometer o conforto de dirigir.”

Audi muda nome da divisão Quattro para Audi Sport

01/12/2016 – Automotive Business



A Audi anuncia que sua divisão Quattro passa a ser denominada Audi Sport. Com sede em Neckarsulm, próximo a Stuttgart, na região central-sul da Alemanha, a unidade de negócio surgiu em 1983 inspirada no modelo Quattro, com tração nas quatro rodas (integral) utilizado em ralis.

Desde então é a responsável pelo desenvolvimento e produção de modelos esportivos de alta performance da marca, como os da linha RS, R8 e S8.

Nos últimos cinco anos, a subsidiária dobrou suas vendas e nos próximos 18 meses, a divisão planeja lançar oito modelos. A Audi Sport conta hoje com 370 concessionárias dedicadas e até o fim de 2017 a empresa estima alcançar um total de 600 em todo o mundo.

Quatro áreas continuarão sob a alçada da unidade de negócio: além de desenvolvimento e manufatura, cuidará também da personalização e customização para clientes (Audi Sport Customer Racing) além de artigos da coleção Audi Sport, como acessórios para carro, vestuário (boutique) entre outros.

A linha RS representa a versão de motores mais potentes dentro de uma série de modelos específicos Audi, com maior desempenho dinâmico, além da tração integral permanente. Como marca, a linha RS começou em 1994 com a estreia do Audi RS 2 Avant.

Desde então, o portfólio RS evoluiu e hoje conta com 12 versões: Audi RS 3 Saloon, Audi RS Q3, Audi RS Q3 Performance, Audi RS 6 Avant, Audi RS 6 Avant Performance, Audi RS 7 Sportback, Audi RS 7 Sportback Performance, Audi TT RS Coupé, Audi TT RS Roadster, Audi R8 Coupé, Audi R8 Spyder e Audi S8 Plus.

Atualmente, a Audi Sport está envolvida em diferentes categorias de corridas, como a DTM, Formula E, corrida GT e na categoria TCR, com profissionais promovidos pela equipe Audi Sport TT Cup.

Os modelos desta divisão beneficiam o desenvolvimento de novas tecnologias, algumas fazem inclusive sua estreia justamente em competições automobilísticas.

Foton comunica a saída de Alcides Cavalcanti

01/12/2016 – Automotive Business



A Foton anuncia a saída de seu diretor de vendas, marketing e pós-venda, Alcides Cavalcanti, que deixa a empresa após dois anos. Em nota divulgada na quarta-feira, 30, a companhia informa que ainda não há substituto e que comunicará o mercado tão logo seja nomeado um novo executivo para o cargo.

Na nota, a empresa informa que Cavalcanti parte para novos desafios no mercado. Ele fez carreira no setor automotivo, principalmente no segmento de pesados. Formado em Engenharia Mecânica, acumula 28 anos de experiência, começando pela Volvo do Brasil, onde ingressou em 1986, trabalhando na empresa por 12 anos como engenheiro de produto, de vendas, passando a ser responsável regional de vendas e depois por gerente nacional de vendas de caminhões.

Já em 1998, foi para a Volkswagen, onde ficou por nove anos passando pela gerência da divisão automotiva Seat, da regional da Volkswagen Caminhões e Ônibus, além do departamento de vendas e marketing da VWCO no México e também no Brasil.

Seu último cargo antes de ir para a Foton foi o de diretor de vendas e marketing da Iveco para o mercado brasileiro, cargo que manteve até 2014.

Ímãs de alto desempenho são fabricados por impressão 3D

01/12/2016 – CIMM

Se faltava alguma coisa para a impressão 3D provar o seu valor, agora não falta mais. Além de fabricarem ímãs permanentes pela técnica de fabricação aditiva, duas equipes trabalhando independentemente, uma na Áustria e outra nos EUA, mostraram que os ímãs impressos podem superar o desempenho dos ímãs fabricados pelas técnicas tradicionais, além de evitar o desperdício de matérias-primas críticas.

As duas equipes fabricaram nada menos do que ímãs permanentes de neodímio-ferro-boro (NdFeB), similares aos usados nas aplicações mais avançadas, como motores para carros elétricos, discos rígidos e turbinas eólicas.

O processo de fabricação aditiva parte de compostos com quantidades variáveis de material magnético e de polímeros. A equipe norte-americana trabalhou com 65% de NdFeB isotrópico e 35% de poliamida, um polímero disponível comercialmente, enquanto a equipe austríaca chegou aos 90% de material magnético e 10% de polímero. Os grânulos são fundidos, misturados e extrudados camada por camada já nas formas desejadas.

Ímãs de formatos especiais

Os ímãs impressos pelas duas equipes apresentaram propriedades magnéticas, mecânicas e microestruturais comparáveis ou até melhores do que os ímãs com a mesma composição fabricados por moldagem por injeção, sem contar a possibilidade de fazer peças de qualquer formato.

"A força do campo magnético não é o único fator envolvido. Muitas vezes precisamos de campos magnéticos especiais, com linhas de campo dispostas de forma muito específica - como um campo magnético que é relativamente constante em uma direção, mas que varia em força em outra direção," exemplificou Dieter Suss, coordenador da equipe da Universidade de Viena.

Ímãs de terras raras

Enquanto a fabricação convencional de ímãs sinterizados pode resultar em desperdícios de material entre 30 e 50% do volume inicial da matéria-prima, a fabricação por impressão 3D pode reutilizar integralmente esses materiais, com um desperdício quase zero.

Um processo industrial que conserve material é especialmente importante na fabricação de ímãs permanentes feitos com neodímio e disprósio, elementos de terras raras que vêm sofrendo com preços cada vez mais elevados.

Os ímãs de NdFeB estão entre os mais poderosos que se conhece, sendo usados em aplicações que vão dos discos rígidos de computador e fones de ouvido até tecnologias de energia limpa, como veículos elétricos e geradores para turbinas eólicas.

A equipe pretende agora tentar imprimir ímãs anisotrópicos - ou direcionais - que são mais fortes do que os ímãs isotrópicos fabricados até agora, que não têm uma direção preferencial de magnetização.

"A capacidade de imprimir ímãs super fortes em formatos complexos vira o jogo no projeto de motores elétricos e geradores eficientes. Isto remove muitas das restrições impostas pelos métodos de fabricação atuais," disse o professor Alex King, do Laboratório Nacional Oak Ridge.

Saab e Embraer inauguram o Centro de Projetos e Desenvolvimento do Gripen no Brasil

01/12/2016 – Cimm

A Saab, empresa de defesa e segurança, e a Embraer Defesa & Segurança inauguraram na semana passada, o Centro de Projetos e Desenvolvimento do Gripen (Gripen Design Development Network - GDDN), em Gavião Peixoto (SP).

O GDDN será o hub de desenvolvimento tecnológico do Gripen NG no Brasil para a Saab e a Embraer, junto às empresas e instituições brasileiras parceiras: AEL Sistemas, Atech, Akaer e Força Aérea Brasileira, por meio de seu departamento de pesquisa DCTA.

O GDDN contempla o ambiente e os simuladores necessários para o desenvolvimento dos caças. Além disso, o GDDN está conectado à Saab na Suécia e aos parceiros industriais no Brasil, assegurando transferência de tecnologia e desenvolvimento eficientes.

"Temos um compromisso de longo prazo com o Brasil. O lançamento do GDDN é um marco importante no programa brasileiro do Gripen, pois será a base para a transferência de tecnologia e o desenvolvimento dos caças no país", disse Håkan Buskhe, CEO e presidente da Saab.

“Embraer e Saab têm ambas um histórico longo e comprovado no desenvolvimento e aplicação de tecnologias inovadoras na indústria aeronáutica. Essa cooperação é fundamental para garantir o melhor apoio às operações da Força Aérea Brasileira pelos próximos anos”, disse Jackson Schneider, presidente e CEO da Embraer Defesa & Segurança.

O edifício do GDDN está localizado nas dependências da Embraer, em Gavião Peixoto (SP), onde também ficará baseado o Centro de Teste de Voos do Gripen e onde será realizada a montagem final da aeronave.

Fatos sobre o programa de transferência de tecnologia

Entre 2019 e 2024, 36 caças Gripen NG serão entregues à Força Aérea Brasileira. Para cumprir o cronograma, a Saab tem uma forte parceria colaborativa com empresas brasileiras, tais como Embraer, AEL Sistemas, Akaer, Atech, Mectron, Inbra e Atmos. O programa de transferência de tecnologia para o Brasil cobre quatro áreas que visam fornecer à indústria aeroespacial brasileira a tecnologia e o conhecimento necessários para manter e desenvolver o Gripen no Brasil:

- Treinamento teórico
- Programas de Pesquisa e Tecnologia
- Treinamento on-the-job na Suécia
- Desenvolvimento e produção

Entre outubro de 2015 e 2024, mais de 350 profissionais, entre engenheiros, operadores, técnicos e pilotos das empresas parceiras da Saab e da Força Aérea Brasileira, irão à Suécia para participar de cursos e treinamentos on-the-job.

Habilidades e conhecimentos serão adquiridos pela indústria brasileira, possibilitando um extenso trabalho de desenvolvimento e produção do Gripen, incluindo a montagem final no Brasil. Até hoje, cerca de 100 profissionais brasileiros estiveram na Suécia e começaram a retornar ao Brasil no início deste mês. O programa de transferência de tecnologia é dividido em 60 projetos-chave, com duração de até 24 meses.

A Embraer desempenhará um papel de liderança na execução do programa e realizará uma grande parte do trabalho de produção e entrega das versões monoposto e biposto do Gripen NG.

A empresa será responsável por uma quantidade considerável do trabalho em desenvolvimento de sistemas, integração, testes de voo, montagem final e entregas de aeronaves. Além disso, Embraer e Saab serão responsáveis pelo desenvolvimento completo da versão biposto do Gripen NG.